JORNAL DO BRASIL 14 NOV 1999

Esboços de genialidade

DF

'Brasília para sempre' revela visão de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa sobre criação da cidade

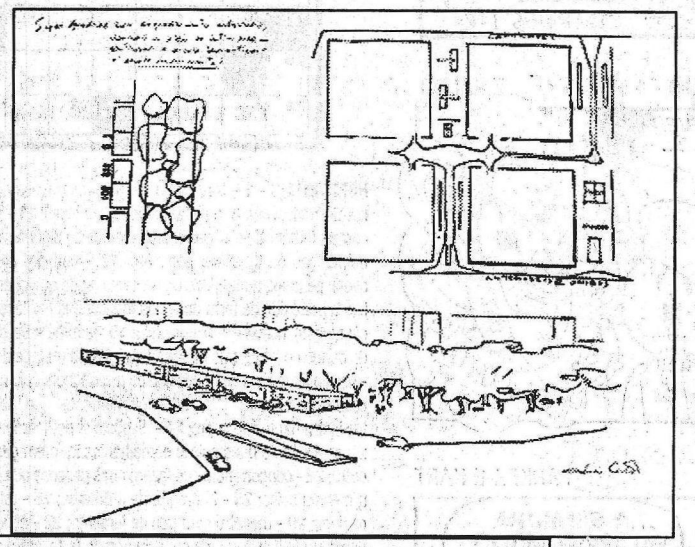
PAULO VASCONCELLOS

Os visitantes oficiais do Rio vão enfim poder ganhar um presente à altura de suas insígnias. A série *Brasília para sempre* comprada pela Prefeitura do Rio por cerca de R$ 100 mil vai substituir com fausto cocares e pinturas de gosto duvidoso com que autoridades e celebridades estrangeiras costumam ser brindadas cada vez que são recebidas em palácio. São 200 exemplares, com 18 páginas cada, reproduzindo 12 serigrafias de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa com a visão dos dois mestres sobre Brasília. O álbum é um luxo só. As ilustrações têm tamanho 0,50m X 0,70m, foram impressas em papel Velin importado e levaram 19 anos para se transformar de sonho em realidade. Nos traços sensuais do arquiteto sobre o Congresso ou nas linhas quase abstratas do urbanista sobre o Eixo Monumental há arte suficiente para satisfazer o gosto até do mais exigente crítico.

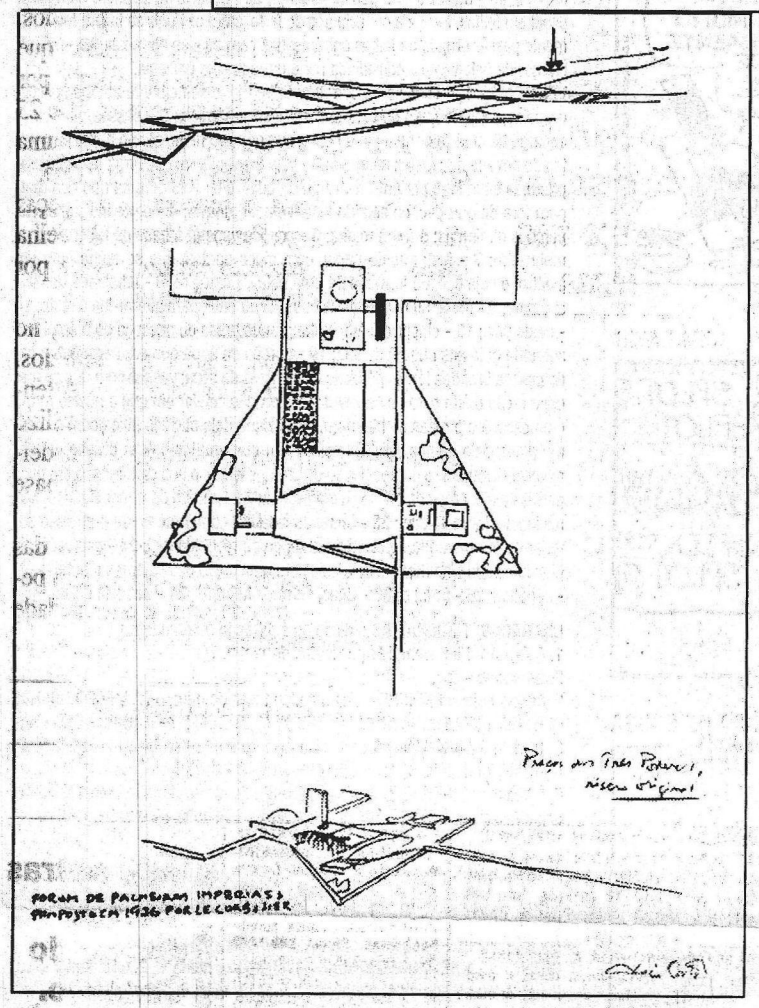
As serigrafias são precedidas de textos de apresentação de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Em poucas linhas os dois reafirmam parte da filosofia que pautaria a vida e a obra deles. "Este *Brasília para sempre* registra o nascedouro da cidade que inventei. Digam o que quiserem, Brasília é um milagre. Quando fui para lá a primeira vez, aquilo tudo era deserto a perder de vista... E pensar que aquilo tudo, apesar da maquinaria empregada, foi feito com as mãos – infra-estrutura, gramados, vias, viadutos, edificações. Tudo a mão. Mãos brancas, mãos pretas, mãos pardas; mãos dessa massa sofrida – mas não ressentida – que é o baldrame desta nação", escreveu Lúcio Costa. "Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, as curvas que encontro nas montanhas do meu país, nas nuvens do céu, no corpo da mulher amada. De curvas é feito todo o universo. O universo curvo de Einstein", ensinou Niemeyer.

O encontro dos dois começou a ganhar forma em 1994. Dez anos antes o pesquisador Ricardo Cravo Albin tivera a idéia de reunilos num projeto artístico que servisse de testemunha do surgimento de Brasília. O projeto foi sendo gestado em fogo brando com a pretensão de ser adotado pelo governo federal. Não foi. Há cinco anos, finalmente, cada um deles entregou as seis serigrafias encomendadas e um pequeno texto. O trabalho ainda levaria três anos para ser impresso. Lúcio Costa, então com 95 anos, gastou três meses para assinar cada uma das 1.200 cópias das serigrafias. Morreria no ano seguinte sem ver o álbum montado pela Lithos, Editora de Arte.

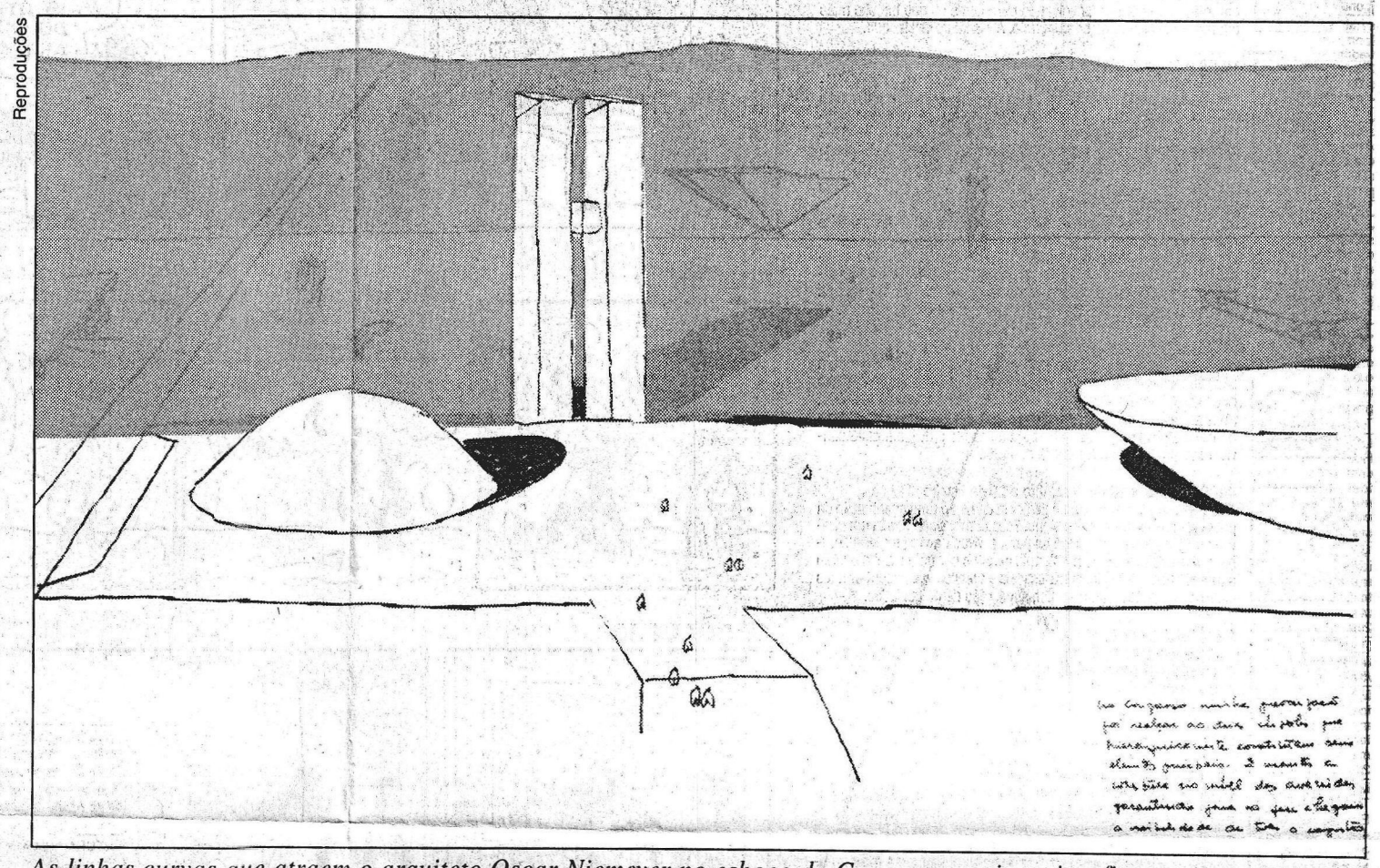
As ilustrações de Niemeyer ganharam cor a pedido do autor. As de Lúcio Costa, porém, são todas em preto e branco. O urbanista não permitiu sequer que os editores modificassem o esboço do Plano Piloto para dar clareza ao desenho. As serigrafias da Praça dos Três Poderes e das Superquadras são reveladas nos traços originais e sem maiores comentários. Já Niemeyer é mais prolixo. Os traços arrojados da Catedral de Brasília ganharam como justificativa a fuga da escuridão que sobressai nos templos religiosos. Para o Memorial JK, o autor reservou toda a sua reverência. "No memorial, a figura de Juscelino parece contemplar feliz o sonho realizado. A capital do seu país."



O traçado funcional das Superquadras (ao lado) e a Praça dos Três Poderes (abaixo) nas serigrafias de Lúcio Costa



Reproduções



As linhas curvas que atraem o arquiteto Oscar Niemeyer no esboço do Congresso: seis serigrafias e textos poéticos